

EDUCAÇÃO, ARTE, VIDA E PROCESSO(*)

Geraldina Porto Witter
(PUCCAMP)

Processo é vocábulo que pode ter, para especialistas diversas, concepções distintas, em função de seu objeto de estudo e de como olham e o pesquisam. Mas também haverá, pelo menos em termos lingüísticos, algumas marcas comuns para que denominem processo a fenômenos aparentemente diferentes como a fundição do aço, a construção de um veículo, o ensino-aprendizagem, a criação de um samba, o amar, o viver. Este denominador comum liga os vocábulos educação, arte, vida. Todos implicam em processos complexos, não hierarquizados na ordem aqui enunciada.

São processos intrincados e indissociáveis. Cada um deles pode ser visto de forma distinta pelos muitos especialistas que os estudam, pelos cientistas, pelos artistas que os produzem, pelos educadores que os constroem, pelos que os vivenciam. Estas análises podem ser convergentes ou divergentes, podem ser fragmentadas ou globalizantes, e outras considerações deste teor poderiam ser feitas aqui. Todavia, neste momento, a intensão, o tempo e o espaço disponíveis pedem um recorte. Assim sendo, após breve consideração das relações entre vida, educação e arte enquanto processo é oportuno enfocar alguns aspectos subjacentes.

Primeiramente, face às múltiplas possibilidades, é mister conceituar processo. Entenda-se sob este rótulo movimento (ação) dinâmico, conduzindo de um ponto a outro, de um estado a outro; que sofre o impacto de variáveis extrínsecas e intrínsecas; no qual cada momento depende do precedente e influi no conseqüente e cujas etapas nem sempre estão claramente demarcadas mas que podem ser operacionalizadas para fins diversos.

Vida é processo. Educação é processo. A arte é processo. A amplitude de abrangência destes processos segue precisamente esta ordem, mas são processos intimamente relacionados, uns influem nos outros, uns complementam os outros e mesmo os tornam mais plenos ou restritos.

* Palestra apresentada no evento de mesmo título no IAC da PUCCAMP, 16/06/92.

O processo da vida humana requer, para seu desenvolvimento muita educação e muita arte. O processo de **ser** está implícito no de **viver** e requer muito ensino-aprendizagem por parte do homem, não apenas para sobreviver mas para ir além, para ampliar suas próprias possibilidades para fazer evoluir o próprio processo que representa a vida. Isto pede muita educação e, hoje, não se pode falar em educação sem considerar que subjacente a ela está a ciência. Vale dizer que a educação depende do processo e do produto da ciência para seu desenvolvimento, para sua real efetivação, para garantir sua eficiência na melhoria da vida humana, para que esta última se realize plenamente. O processo educacional precisa assimilar processos e produtos da ciência e incorporá-los no ensino-aprendizagem.

Vida é um processo empobrecido se não puder contar também com a arte para alcançar sua plenitude. A arte é processo que leva a vida para além da sobrevivência. É processo não apenas de enriquecimento mas também de desenvolvimento real, que permite ampliar as fronteiras do homem. Mas a arte depende também do processo educacional. É necessário aprender a usar o potencial criativo; conhecer e dominar as técnicas de criação; conhecer e reconhecer as características da própria arte, saber usufruir de tudo o que ela pode oferecer entre outras coisas.

Assim sendo, o processo de vida para o homem só tem condições para seu desenvolvimento através do processo de aprendizagem, isto é, da educação, tanto em seu sentido amplo como no restrito. Educação e vida só se complementam e tendem à plenitude ao viabilizarem e ao absorverem a arte enquanto processo e enquanto produto. Neste contexto, de vida, educação e arte, há ainda a considerar o papel da ciência. Ela também é um processo que busca conhecer outros processos seguindo uma metodologia específica para poder conhecê-los, para poder intervir neles, para poder melhorá-los e para garantir ao ser humano um evoluir constante e uma melhor qualidade de arte, de educação e de vida.

Estes processos podem ser enfocados cientificamente em termos da pessoa, do grupo, do país, ou da própria espécie. Em cada caso, contribuições distintas podem ser feitas mas todas convergem para a possibilidade de garantir, a cada ser em particular e a todos em geral, contingências que viabilizem uma realização mais plena e que assegurem a continuidade do processo Vida com base em um melhor processo de Educação e Arte.

A Psicologia não apenas tem estudado as características das pessoas criativas como também tem buscado criar e desenvolver estratégias e meios para aumentar o desempenho criativo das pessoas. Exemplo disto são trabalhos como os de Santos (1985), pioneiro no Brasil, testando procedimentos para o desenvolvimento da criatividade. O mesmo pode-se dizer do êxito obtido por Santiago (1977) treinando crianças em criatividade verbal.

Greer & Levine (1991) testaram procedimento para levantar condições de motivação para o desempenho criativo entre universitários, tendo obtido resultados positivos na redação de poesias com treino de curta duração. Além disso, seus resultados apoiam a tese de que a criatividade pode ser afetada por variáveis sócio-psicológicas e cognitivas e que ela não é apenas função de aspectos da personalidade. Vale lembrar ainda o desenvolvimento de técnicas para desenvolvimento da criatividade em muitas outras áreas como o desenho (Kawenski, 1991), a leitura (Carelli, 1992).

O processo de pesquisa científica também tem contribuído para desmistificar mitos estabelecidos até mesmo por trabalhos incompletos, falhos ou por exagero de teorização com insuficiência de dados. Assim, em 1989, Hendren persistia em falar no mito de que o hemisfério cerebral direito era responsável pela criatividade. Hines (1991) demonstra bem a insuficiência de condições para aceitação desta proposição. Ela é uma concepção que implica na aceitação acrítica de uma crença ingênua, comparável a uma pseudociência, a cerca do cérebro e de seu funcionamento. Considera-a mesmo similar às crenças vigentes no século 18 e 19 no que diz respeito à frenologia. Pode se mesmo reiterar o que Poizner, Klima & Bellugi (1987) demonstraram, ou seja, não há ainda provas de que os processos simbólicos sejam processados no hemisfério direito e este é um dos aspectos mais pesquisados da questão. De fato, os dados de Lavach (1991) em parte refletem este mito, mas lidos mais criticamente do que o faz o autor, salvaguardando as limitações dos instrumentos e tipo de pesquisa feita, mostram que embora pareça haver preferências cognitivas associadas aos hemisférios é necessário considerar, e aqui é o autor quem o lembra, o papel da sociedade, da educação e das próprias atividades em que as pessoas se envolvem. Entretanto, sem um maior avanço na neuropsicologia, mitos como o aqui referido poderão perdurar. Esta persistência poderá mesmo ser maléfica como toda pseudo-ciência (Boudon, 1991; Perrez, 1991; Thom, 1991; Thom, 1991; Bunge, 1991). Aliás eliminar mitos e reduzir os efeitos deletérios das pseudociências é um trabalho imenso a ser realizado. É árduo nos países que geram ciência de ponta, mas é ainda mais difícil nos que se alinham predominantemente entre os consumidores e onde a tradição de pesquisa praticamente não existe, ou prevalece a pesquisa de mera sedimentação do saber.

A ciência precisa conhecer o comportamento do próprio pesquisador enquanto potencial criativo para resolver problemas e mesmo para buscar novos problemas e soluções (Smith, 1991), ou ainda condições básicas para o emergir de teses de doutorado realmente criativas (Bargar & Duncan, 1990).

Trabalhos como os aqui referidos fornecem condições para os educadores e mesmo administradores educacionais e científicos melhorarem o

processo educacional e o de produção científica. Disto resultam esforços como o de Reitman (1990) que ajudam a formar professores para preparar artistas profissionais, retomando a concepção de que educação também é arte, não deve ter apenas eficácia e utilidade social. Além de um processo eficiente a educação deve levar em consideração o docente como ser criativo e garantir as condições para criatividade nos alunos.

Desta forma, a pesquisa científica pode levar ao conhecimento do processo de produção da arte, do produto artístico e de como atuar educacionalmente para otimizar as condições do primeiro para garantir maior produtividade e qualidade para o segundo. Consequentemente, alimenta o processo de educação quer do que cria a arte quer do que a consome podendo-se ter por meta que todo homem seja ao mesmo tempo um bom consumidor e um bom produtor de algum tipo de arte. Com isto se resgata o homem da educação para a mera sobrevivência para a plenitude da reprodução para a criação, da limitação para a plenitude.

Esta é uma das muitas maneiras pelas quais a ciência moderna passou a influir no processo de vida, podendo levá-lo para muito além de onde já pode sonhar o homem de hoje.

Assim a união imprescindível dos processos vida, educação e arte pode e deve fazer-se recorrendo-se ao processo científico. Ignorá-lo é, na melhor das hipóteses, marcar passo, enquanto outros estão viajando na velocidade do som e antevendo vãos na velocidade da luz.

Entretanto, se há tanto sendo feito, se há tanto por fazer em busca de uma vida mais completa, seria de se esperar que o mundo vivesse em condições bem diferentes das que todos conhecem, com a maioria dos homens apenas sobrevivendo. Múltiplas variáveis são responsáveis por isto: os jogos ideológicos e políticos; os sistemas econômicos, as instituições, as famílias e as próprias pessoas. É fácil lançar no sistema (capitalismo ou outro), nas instituições (igreja, escola) ou mesmo em alguma pessoa (Hitler, mãe) a culpa. Todavia, na complexidade dos processos, nos intercâmbios entre eles, na reciprocidade de influências, todas as variáveis estão presentes, todas têm sua parcela de responsabilidade. Embora uma, em dado momento, em dado aspecto possa parecer ou mesmo ter o maior poder, todas devem ser alvo de atenção.

Grandes mudanças podem ocorrer quando uma pequena alteração tem lugar. Cada pessoa assumindo sua responsabilidade no processo de busca por uma vida plena e construtiva já está contribuindo para a mudança. Parte desta mudança pode ser cada pessoa buscar tornar-se, pelo menos, um consumidor de ciência atualizado e crítico (Drew & Hardman, 1985).

Se isto é responsabilidade do cidadão em geral é ainda mais cobrável do professor, figura-chave no processo educacional, inclusive por sua atua-

ção na formação dos que vivem o processo artístico. Fica aqui a chamada para uma revisão do que fazemos ao atuarmos no processo arte, de como estamos agindo no processo educacional à luz do processo científico e como isto está se refletindo no processo vida de cada um e de todos nós, da sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARGAR, R.A. & DUCAN, J.K. (1991) Creative endeavor in Ph D research: principles context and conceptions. **The Journal of Creative Behavior**, 24(1):59-71.
- BUNGE, M. (1991) What is science? Does it matter to distinguish it From pseudocience? A reply to my commentators. **New Ideas in Psychology**, 9(2):245-283.
- CARELLI, A.E. (1992) **Teste de eficiência de programas em compreensão e leitura crítica**. Dissertação de Mestrado, Pós-Graduação em Biblioteconomia, PUCCAMP, Campinas.
- DREW, C.J. & HARDMAN, M.L. (1985) **Designing and conducting behavior Research**. New York: Pergamon Press.
- GREER, M. & LEVINE, E. Enchanting creative performance in college students. **The Journal of Creative Behavior**, 25(3):250-255.
- HENDREN, G. (1989) Using sign language to acess righ brain communication: a tool for teachers. **The Journal of Creative Behavior**, 23(1):116-120.
- HINES, T. (1991) The myth of right hemisphere creativity. **The Journal of Creative Behavior**, 25(3):223-227.
- KAVENSKI, M. (1991) Encouraging creativity in desing. **The Journal of Creative Behavior**, 25(3):263-266.
- LAVACH, J.F. (1991) Cerebral hemisphericity, college major and occupational choices. **The Journal of Creative Behavior**, 25(3):218-222.
- PERREZ, M. (1991) The difference between everyday knowledge, ideology, and scientific knowledge. **New Ideas in Psychology**, 9(2):227-232.

- POIZNER, H.; KLIMA, E. & BELLUGI, U. (1987) **What the hands reveal about the brain**. Cambridge: MIT Press.
- SANTIAGO, N.V. **Eficiência do treino para o desenvolvimento do repertório verbal em carentes culturais: implicações para o contexto educacional**. Tese doutorado, IPUSP, 1977.
- SANTOS, L.M. dos (1975) **Remediação da criatividade verbal: estudo comparativo de critérios e procedimentos**. Tese de doutorado, IPUSP, São Paulo.
- REITMAN, S.W. (1990) A preliminary, model of pre-service teacher education as a preparation of professional artist. **The Journal of Creative Behavior**, 24(1):21-38.
- SMITH, M.K. (1991) Inventions and the creative process. **The Journal of Creative Behavior**, 25(3):267-272.
- THOM, R. (1991) A dangerous illusion. **New Ideas in Psychology**, 9(2):233-234.